

O FERNANDO E EU

Relato da Ex.^ma Senhora Dona Ophélia Queiroz,

destinatária destas Cartas de Fernando Pessoa, recolhido e estruturado por sua sobrinha-neta Maria da Graça Queiroz

Onde é que a maldade mora
Poucos sabem onde é
Há maneira de o saber
É em quem quando diz que chora
Leva a rir e a responder
Indo em crueldade até
A gente não a entender

(Acróstico de FERNANDO PESSOA dedicado a OPHÉLIA)

COMO CONHECI O FERNANDO

Respondi a um anúncio do «Diário de Notícias».

Tinha 19 anos, era alegre, esperta, independente, e, contra a vontade de meus Pais e da família, resolvi empregar-me. Não era que precisasse de o fazer, pois sendo a mais nova de oito irmãos e a única solteira, era muito mimada e tinha tudo o que queria.

Fizera o 5.º ano singular de Francês, escrevia e falava correntemente o Francês comercial, escrevia à máquina em todos os teclados e sábia também um pouco de Inglês. (O Fernando um dia até me disse que, depois de casados, mo ensinaria melhor).

Recebi em casa a resposta ao anúncio: «Para assunto de seu interesse, é favor passar por esta direcção...». Era um negócio de brocas, na Rua da Assunção, 42, 2º: «Félix, Valladas & Freitas, Lda». Ainda estava em regime de propaganda e só durou três meses; depois faliu.

Entrei como empregada única da casa a ganhar 18\$00, o que já era óptimo naquele tempo... De entrada, até só queria dar-me 15\$00, e foi o próprio Fernando que insistiu para que me dessem o que eu pedia, porque, segundo me disse mais tarde, «tinha absoluta necessidade de me tornar a ver»; de resto, eu senti, logo no primeiro dia, que ele me olhou de certa maneira...

Eram três sócios: Félix, o capitalista; o Mário Freitas da Costa, que era primo do Fernando; e o Valiadas, que era da Guarda Nacional Republicana.

O Fernando não era propriamente empregado da casa, não sei mesmo se ganhava alguma coisa. Ajudava o primo na correspondência da firma. Traduzia directamente para francês e inglês o que o primo ditava em português. Como se sabe, o Fernando falavam muitíssimo bem, principalmente, o Inglês. Os amigos diziam por graça, que «ele até pensava em Inglês».

la muito ao escritório, exactamente por ser primo e muito amigo do Freitas, e porque se juntavam lá, a conversar, vários amigos. Entre eles, lembro-me do Montalvor, que ia lá quase todos os dias e que não perdoava ao Fernando o facto de ele não publicar a sua Obra. Dizia-lhe: «ó Fernando, é um crime você continuar ignorado». E ele respondia-lhe: «Deixem estar, que, quando eu morrer, ficam cá caixotes cheios».

Aparecia também o Ferreira Gomes, que tinha igualmente uma grande admiração pelo Fernando. Mais tarde, por acaso, fui encontrá-lo no SNI. Era muito brincalhão.

O Coelho de Jesus. Com este passou-se uma coisa engraçada. Ele conhecia-me lá do escritório mas nunca se apercebeu, assim como ninguém, que eu namorava o Fernando. Um dia, seguiu-me na rua. Quando chegámos ao Largo do Camões, aproximou-se de mim, cumprimentou-me e disse-me: «-- Posso acompanhá-la, ou comprometo-a?» -- «Compromete sim», respondi-lhe.

O Simão de Labreiro, que era director de um jornal.

Um irmão do Coelho de Jesus.

Pantoja, um espanhol, e outros mais de quem não me recordo agora.

Apareciam, então, muitos rapazes novos, a pedir ao Fernando a sua colaboração para jornais e revistas. E era coisa que ele nunca recusava.

Conheci o Fernando no dia em que me apresentei ao anúncio e há, até, uma história engraçada, que vale a pena contar.

Como não era costume na época andarem as raparigas sozinhas, fui acompanhada por uma empregada de casa de minha irmã, com quem eu vivia na altura, mãe do meu sobrinho, o futuro poeta Carlos Queiroz. Quando chegámos e batemos à porta do escritório, ainda estava fechado, pelo que tivemos que esperar.

A certa altura vimos a subir a escada um senhor todo vestido de preto (soube mais tarde que estava de luto pelo padraço), com um chapéu de aba revirada e debruada, óculos e laço ao pescoço. Ao andar, parecia não pisar o chão. E trazia -- coiso mais natural-- as calças entaladas nas polainas. Não sei porquê, aquilo deu-me uma terrível vontade de rir e foi com grande esforço que lá consegui dizer que ia responder ao anúncio, quando ele, timidamente, nos perguntou o que desejávamos.

Foi esta a minha primeira imagem do Fernando.

Muito atencioso, disse-nos então que esperássemos um bocadinho> porque ele não era o dono do escritório. Entrámos e, passado um bocado, apareceu o primo. Perguntou quem era a interessada, e começámos a conversar. O Fernando assistiu a tudo, sentado a uma secretária, virado para mim, e com um ligeiro sorriso, de quem estava a achar graça.

Passados três dias fui chamada.

Foi o próprio Fernando que me recebeu nesse dia. Já lá estava quando eu cheguei, estava mesmo à minha espera. Sentou-se numa cadeira, junto da minha secretária e destinou-me o trabalho: endereços pelo anuário comercial. A certa altura disse-me timidamente: «--Sabe, queria preveni-la duma coisa. É que a passadeira da escada tem um buraco e não vá a menina cair...». Depois calou-se e, passado um bocado, disse: «Há outra coisa de que queria preveni-la; é que o outro sócio, o Valladas, é um pouco rude. Ele não é má pessoa, sabe, mas é da G. N. R. e não vá a menina chocar-se com qualquer coisa...».

Tudo isto foi dito com um ar circunspecto, mas cheio de amabilidade. Depois começaram, os olhares... a corte...

Passou-se uma coisa engraçada, logo nesse primeiro dia. Eu estava sentada a escrever à máquina. Alguém entrou no gabinete, não me lembro agora quem, e disse: «-- ó Fernando, não estava mesmo a apetecer dar um beijo naquele pescoço?»

«--Eu não acho», respondeu ele secamente, maçado mesmo. Mais tarde disse-me que já eram ciúmes...

O Fernando era muito ciumento, mas não se zangava, não dizia nada; sofria. Não gostava que eu usasse decotes, nem falasse com rapazes. Um dia disse-me: -- «Hoje, pela primeira vez, tive ciúmes dos olhos do meu primo». -- «Porquê?», perguntei. -- «Porque eles viram-te e eu não te vi». Isto passou-se numa segunda-feira e eu por acaso no domingo tinha encontrado o primo dele na rua. Outra vez, mandou-me um bilhete, que dizia: «Estavas a fazer olhos ternos ao Pantoja». Mas ele gostava de me fazer ciúmes a mim, para ver a minha reacção. Um dia, veio com uma história que se tinha passado com ele no eléctrico. Comentando a influência e a força do olhar de certas pessoas, contava ele que, ao fixar a cabeça loura de uma senhora que ia sentada à sua frente, ela se virara de repente para ele e o fixara insistentemente. Percebi logo qual era a intenção da história, e durante muito tempo falei-lhe na senhora loura, fingindo ter ciúmes. Ele gostava imenso e tinha um trabalhão a tentar convencer-me de que não havia senhora loura nenhuma.

O Fernando era muito supersticioso, especialmente com cães a ganir. Dizia que quando ia para casa à sua passagem, os cães ganiam, e que isso significava haver qualquer coisa nele que os fazia ganir.

A PRIMEIRA CARTA

Um dia faltou a luz no escritório. O Freitas não estava e o Osório, o «grumete», tinha saído a fazer um recado. O Fernando foi buscar um candeeiro de petróleo, acendeu-o, e pô-lo em cima da minha secretária.

Um pouco antes da hora de saída> atirou-me um bilhete para cima da secretária, que dizia: «Peço-lhe que fique». Eu fiquei, na expectativa. Nessa altura, já eu me tinha apercebido do interesse do Fernando por mim, e eu, confesso, também lhe achava uma certa graça...

Lembro-me que estava em pé, a vestir o casaco, quando ele entrou no meu gabinete. Sentou-se na minha cadeira, pousou o candeeiro que trazia na mão e, virado para mim, começou de repente a declarar-se, como Hamlet se declarou a Ofélia: «Oh, querida Ofélia! Meço mal os meus versos; careço de arte para medir os meus suspiros; mas amo-te em extremo. Oh! até do último extremo, acredita!»

Fiquei perturbadíssima, como é natural, e, sem saber o que havia de dizer, acabei de vestir o casaco e despedi-me precipitadamente. O Fernando levantou-se, com o candeeiro na mão, para me acompanhar até à porta. Mas, de repente, pousou-o sobre a divisória da parede; sem eu esperar agarrou-me pela cintura, abraçou-me e, sem dizer uma palavra, beijou-me, beijou-me, apaixonadamente, como louco.

Surgem assim os primeiros versos que me dedicou; versos que infelizmente depois me desapareceram, mas que nunca esqueci:

Fiquei louco, fiquei tonto,
Meus beijos foram sem conto,
Apertei-a contra mim,

Enlacei-a nos meus braços,
Embriaguei-me de abraços,
Piquei louco e foi assim.

Dá-me beijos, dá-me tantos
Que enleado em teus encantos,
Preso nos abraços teus,
Eu não sinta a própria vida
Nem minha alma, ave perdida
No azul-amor dos teus céus.

Boquinha dos meus amores,
Lindinha como as flores,
Minha boneca que tem
Bracinhos para enlaçar-me
E tantos beijos p'ra dar-me
Quantos eu lhe dou também.

Botão de rosa menina,
Carinhosa, pequenina,
Corpinho de tentação.
Vem morar na minha vida,
Dá em ti terna guarida
Ao meu pobre coração.
Não descanso, não projecto,
Nada certo e sempre inquieto
Quando te não vejo, amor,
Por te beijar e não beijo,
Por não me encher o desejo
Mesmo o meu beijo maior.

Ai que tortura, que fogo,
Se estou perto d'ela é logo
Uma névoa em meu olhar,
Uma nuvem em minha alma,
Perdida de toda a calma,
E eu sem a poder achar.

Fui para casa, comprometida e confusa. Passaram-se dias e como o Fernando parecia ignorar o que se havia passado entre nós, resolvi eu escrever-lhe uma carta, pedindo-lhe uma explicação. É o que dá origem à sua primeira carta-resposta, datada de 1 de Março de 1920.

Assim começámos o «namoro».

O «NAMORO»

Víamo-nos todos os dias no escritório, onde, como já disse, o Fernando ia, como correspondente e amigo.

Eram só olhares, recados, bilhetinhos que me atirava para cima da secretária, disfarçadamente. E também presentes, que eu encontrava dentro das gavetas quando chegava de manhã.

De entre os bilhetes conservo alguns:

«Kiss me».

«Dê-me um beijinho, sim?»

«Não é nada, Bébé ciumento; logo lhe mostro o que é», etc., etc.

Talvez por eu ser muito nova e brincalhona, o Fernando não se convencera que eu pudesse gostar dele, e mostrava-o, como nestes versos que um dia me mandou:

Os meus pombinhos voaram.
Elles pr'a alguém voariam.
Eu só sei que m'os tiraram;
Não sei a quem os dariam.

Meus pombinhos, meus pombinhos,
Que já não têm os seus ninhos
Ao pé de mim.
São assim os meus carinhos
Matam-os todos assim!

Por ser muito pequena e magra, embora os braços e as pernas fossem roliços (tinha uma figura engraçada), e como não me pintava, parecia ainda mais nova do que era realmente. Eu tinha 19 anos quando conheci o Fernando. Fazíamos, portanto, uma diferença de 12 anos. Ele achava-me muita graça. Por ternura, tratava-me por «Bébé», «Bébé pequenino», «Bébézinho» e até me fez alguns versos relacionados exactamente com a minha figura:

O meu amor é pequeno,
Pequenino não o acho.
Uma pulga deu-lhe um coice,
Deitou-o da cama abaixo.

Ou estes outros:

Eu tenho um Bébé Que é.
Quanto ao tamanho
Assim:
Quanto ao amor que lhe tenho

esta linha dá a volta ao mundo
Ai de mim!

Um dia, ainda no escritório Félix e Valladas, levou-me, de presente, uma cadeirinha de bonecas, de palha encarnada, com um palmo de altura, para eu me sentar. Tinha-a comprado na Praça da Figueira. A propósito, o Fernando dizia-me: «Quando nos casarmos, tenho que comprar um banquinho, para tu te pões em cima, e quando eu chegar a casa me dares um beijo. Eu entro, e pergunto: --Por acaso não viram por aí a minha mulher? Então tu apareces, e eu digo: -- Ah! estavas aí! és tão pequenina que não te via.»

Era duma delicadeza e duma ternura imensa. Quase todos os dias me levava um presente, que

escondia dentro das gavetas da minha secretária, como já contei, para me fazer surpresa quando eu chegava de manhã. Um dia encontrei uma caixa de fósforos com dois «meiguinhos» lá dentro. «Meiguinhos» eram uns bonequinhos que apareceram na altura, macho e fêmea, feitos de arame, coberto de fitilho de seda. Já não os tenho. Outra vez foi uma pulseira de filigrana, que sempre usei, e que ainda tenho. Duas caixinhas, em filigrana também, douradas, muito bonitas. E conservo um medalhão em esmalte, com uns gatinhos, que o Fernando me deu para eu pôr a sua fotografia, coisa que nunca fiz pois a única foto que tinha dele --e, como se sabe, ele não gostava nada de tirar retratos-- era muito grande, não cabia no medalhão, e eu tive pena de a estragar, recortando. Por acaso, usei-o sempre com uma fotografia do meu sobrinho Carlos, que ainda hoje lá está.

Como eu era muito gulosa -- e ainda sou--e o Fernando sabia-o bem, muito bem, levava-me de presente, muitas vezes. Rebuçados e bombons. Dentro de uma caixa de bombons, um dia, encontrei estes versos:

Bombom é um doce
Eu ouvi dizer
Não que isso fosse
Bom de saber
O doce enfim
Não é para mim...

Do Fernando tenho também um cachimbo. Ele fumava muito. Cachimbo e cigarros. Até tinha as pontas dos dedos amarelas. Eu ralhava muito com ele e de brincadeira dizia-lhe: «Um dia tiro-te esse cachimbo.» E tirei mesmo. Ele achou muita graça, como de resto achava a tudo o que eu fazia ou dizia, e nunca mo pediu. Ainda o tenho.

Encontrávamo-nos todos os dias, e, quase sempre, mesmo depois de eu ter deixado o escritório, à porta da Livraria Inglesa, na Rua do Arsenal, onde o Fernando ia comprar jornais. Além disso, escrevíamo-nos muito. As cartas eram-me entregues, normalmente, pelo «grumete» do escritório, o Osório.

Foi um «namoro» simples, até certo ponto igual ao de toda a gente, embora o Fernando nunca tivesse querido ir a minha casa, como era habitual da parte de qualquer namorado. Dizia-me: - - «Sabes, é preciso compreender que isso é de gente vulgar, e eu não sou vulgar». Eu compreendia-o e aceitava-o exactamente assim, com ele era. Por exemplo, dizia-me também muitas vezes: «Não digas a ninguém que nos "namoramos", é ridículo. Amamo-nos».

Passeávamos e conversávamos acerca de tudo, das coisas mais simples. De poesia, dos livros que lia, das suas aspirações, da família. Lembro-me do Fernando me dizer que era sidonista. Fez um dia uns versos a Sidónio Pais, que me ofereceu, mas que, infelizmente, desapareceram, assim como os manuscritos de alguns outros versos que aqui recordo. Ele era também conhecido como monárquico; mas dizia-me. -- «Eu não sou monárquico, sou talassa. Não posso passar à porta da Brasileira porque sou agredido. Passo do lado de lá, se não apanho uma bengalada».

O Fernando adorava-me, e tinha uns repentinos de paixão que me assustavam, mas que ao mesmo tempo me divertiam.

Por exemplo, um dia, no escritório, o primo tinha saído, e ele entrou no meu gabinete. Sem dizer uma palavra pegou-me ao colo, levou-me para a outra sala, sentou-me numa cadeira e ajoelhou-se a meus pés dizendo as maiores ternuras.

Outra vez, num destes seus ataques repentinos, estávamos nós na paragem do eléctrico na Rua de S. Bento, empurrou-me para o vão de uma escada. Não percebi o que era; até pensei que fosse ele que, pela sua timidez, tivesse visto alguém e não quisesse que nos vissem juntos. Mas, sem eu esperar, agarrou-me com toda a força e beijou-me: um beijo enorme, enorme. Ou, então, acontecia estarmos muito bem a conversar, e de repente ele dizer-me uma coisa que não vinha nada a propósito, como, por exemplo, chamar-me «ácido sulfúrico», mas isto dito com a maior paixão.

Entre Março e Abril desse ano, deixei o escritório «Félix e Valladas», e fui para a casa «C. Dupin» no Cais do Sodré. O Fernando acompanhava-me todos os dias, daí para casa de minha irmã, no Rossio. Os meus pais viviam na Rua dos Poiais de S. Bento, esquina para a Rua Caetano Palha, mas eu passava parte do tempo em casa desta minha irmã de quem fazia uma diferença de vinte anos. Ela tratava-me como filha, adorava-me, e como só tinha um filho único, o meu sobrinho Carlos Queiroz, gostava imenso da minha companhia. Eu, claro, era muito nova, muito alegre e, portanto, preferia estar em casa dela. A minha Mãe, coitada, passavam-se dias sem me ver, até que, cheia de saudadas, me mandava para casa. Nessas alturas, então, o Fernando e eu combinávamos uma hora para eu estar à janela e ele passar, para assim nos vermos.

O meu Pai nem sonhava que nós nos «namorávamos». Eu ia para a janela e, à hora combinada, ele aparecia. Passava no passeio da frente, muito discretamente, como aliás procedia em tudo, e disfarçadamente fazia-me caretas e atirava-me beijos. Depois, ia pela rua abaixo (parece impossível um homem destes..., subindo e descendo os degraus de todas as portas aos pulinhos, só para eu achar graça. Na 2ª feira então, quando nos encontrávamos, comentávamos a cena e ríamos muito.

O Fernando, em geral, era muito alegre. Ria como uma criança, e achava muita graça às coisas. Dizia, por exemplo, «ouvistaste»? em vez de «ouviste». Quando saía para ir engraxar os sapatos, dizia-me: «--Eu já venho vou lavar os pés por fora». Um dia mandou-me um bilhete assim: «O meu amor é pequenino, tem calcinhas cor-de-rosa». Eu li aquilo, e fiquei indignada. Quando saímos, disse-lhe zangada: -- ó Fernando, como é que você sabe, se eu tenho calcinhas cor-de-rosa ou não, você nunca viu...» (tanto nos tratávamos por tu, como por você). E ele respondeu-me a rir: «Não te zangues Bebé, é que todas as Bebés pequeninas têm calcinhas cor-de-rosa...»

Pouco tempo depois, mudei outra vez de emprego. Fui então para Belém, para uma companhia de material de aviação, como tradutora. O Fernando ia buscar-me todos os dias; conversávamos, portanto, durante o trajecto do carro eléctrico. Nesta altura, andava ele muito preocupado e ocupado com a mudança da casa de Benfica, para a Estrela, na Rua Coelho da Rocha. A Mãe que vivia no Transvaal com as irmãs, tinha-o encarregado de arranjar casa, e foi ele sozinho que teve que tratar de tudo.

Vivia muito isolado, como se sabe. Muitas vezes não tinha quem o tratasse, e queixava-se-me. Estava realmente muito apaixonado por mim, posso dizê-lo, e tinha uma necessidade enorme da minha companhia, da minha presença. Dizia-me numa carta: «... Não imaginas as saudadas que de ti sinto nestas ocasiões de doença, de abatimento e de tristeza...». E mostra-o bem, nesta quadra que me fez:

Quando passo um dia inteiro
Sem ver o meu amorzinho
Cobre-me um frio de Janeiro
No Junho do meu carinho

Em Maio de 1920, a Carris entrou em greve por uns dias, e passámos a fazer o percurso de comboio.

Para que o meu Pai não soubesse que eu saía com o Fernando, ele apanhava o comboio no Cais do Sodré e eu em Santos. Assim conversávamos até Belém. Não digo «namorávamos», porque o Fernando não gostava, conforme já contei.

Quando acabou a greve, ia buscar-me, à tarde, como de costume e vínhamos de eléctrico para casa, mas, como ele achava que o trajecto não era suficientemente longo, dizia a brincar: «-- E se fingíssemos que nos enganávamos e nos metêssemos num carro para o Poço do Bispo?».

Este escritório, onde eu estava empregada, fundiu-se entretanto com outro, na Rua Morais Soares, para onde fui e onde, portanto, o Fernando passou a ir buscar-me. Nesta altura, trabalhava ele, como correspondente, na Casa Toscanoy na Rua de S. Paulo.

Aí passava as manhãs de domingo, de onde me telefonava. Como se sabe, o Fernando não gostava nada de falar ao telefone.

Para nos podermos ver também ao domingo, eu, em vez de ir à Missa à Igreja de S. Domingos, como costumava, ia à da Conceição Velha, porque, depois, o Fernando (ele não assistia à Missa, era crente mas não praticante) acompanhava-me a casa e assim tínhamos mais tempo para conversar no caminho. Muitas vezes me pediu para sairmos também à tarde.

Numa carta, dizia: «Era excelente eu poder encontrar-te ao domingo de tarde, por exemplo...». Mas nunca o fizemos. Eu não podia, porque a família, principalmente o meu Pai, que continuava sem saber de nada, era muito rigoroso comigo e não me era fácil arranjar um pretexto para sair...

O Fernando era uma pessoa muito especial. Toda a sua maneira de ser, de sentir, de se vestir até, era especial. Mas eu talvez não desse por isso, nessa altura, talvez porque estava apaixonada. A sua sensibilidade, a sua ternura a sua timidez, as suas excentricidades, no fundo, encantavam-me.

Por exemplo, o Fernando era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como Álvaro de Campos. Dizia-me então: -- «Hoje, não fui eu que vim, foi o meu amigo Álvaro de Campos»... Portava-se, nestas alturas, de uma maneira totalmente diferente. Destrambelhado, dizendo coisas sem nexos. Um dia, quando chegou ao pé de mim, disse-me: -- «Trago uma incumbência, minha Senhora, é a de deitar a fisionomia abjecta desse Fernando Pessoa, de cabeça para baixo num balde cheio de água». E eu respondia-lhe: «--Detesto esse Álvaro de Campos. Só gosto do Fernando Pessoa». -- «Não sei porquê -- respondeu-me -- olha que ele gosta muito de ti».

Raramente falava no Caeiro, no Reis ou no Soares.

O Fernando, principalmente quando se encontrava abatido, não acreditava que eu pudesse gostar dele. Dizia-me numa carta: «Se não podes gostar de mim a valer, finge, mas finge tão bem que eu não perceba». Ou, então, como nesta quadra:

O meu amor já me não quer
Já me esquece e me desama
Tão pouco tempo a mulher
Leva a provar que não ama

Um dia ao passarmos na Calçada da Estrela, disse-me:-- «O teu amor por mim é tão grande, como aquela árvore». Eu fingi que não percebi. -- «Mas não está ali árvore nenhuma...» -- «Por isso mesmo».-- respondeu-me ele. Outra vez, disse-me: «Chega a ser uma caridade cristã tu gostares de mim. És tão nova e engraçadinha, e eu tão velho e tão feio».

Há uma coincidência curiosa. Como se sabe, o Fernando fazia anos a treze de Junho, dia de Sto. António (ele até dizia que se chamava Fernando, porque, na realidade, Sto. António chamava-se Fernando Bulhão) e eu fazia a catorze. Há um engano na data do meu registo de nascimento, onde consta dia 17, mas de facto nasci a 14. A propósito desta diferença, o Fernando comentava: «--Ainda bem que não fazemos anos no mesmo dia porque os casais que fazem anos no mesmo dia, não são felizes.» Citava até o caso do Rei D. Carlos e da Rainha Dona Amélia.

O Fernando era extremamente reservado. Falava muito pouco da sua vida íntima; não tinha sequer o que se chama um amigo íntimo (nesta altura já tinha morrido o Sá Carneiro), e há até uma sua carta em que me diz: «Não há quem saiba se eu gosto de ti ou não, porque eu não fiz de ninguém confidente sobre o assunto».

Com quem ele se dava muito na altura, e a casa de quem ia até jantar uma vez por semana, era o Lobo d'Ávila, que vivia na Praça Rio de Janeiro, hoje Príncipe Real. De resto, eram só os amigos do café.

Há uma frase do Fernando, há várias até, que mostram bem como ele era reservado. «Sinto preciso ocultar o meu íntimo aos olhares.» «Não quero que ninguém saiba o que sinto.» E ainda esta outra: «O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro.»

O «namoro» durou assim até Novembro de 1920. A sua última carta data de 29 desse mês. Aos poucos, ele foi-se afastando, até que deixámos completamente de nos ver. E isto sem qualquer razão concreta. Ele esteve uns dias sem aparecer nem escrever, porque dizia que estava mal da cabeça e queria ir para o manicómio.

Encontrámo-nos depois, por acaso, uma ou duas vezes, mas nem sequer nos falámos.

O RETRATO

Passaram-se nove anos.

Um dia, o meu sobrinho Carlos Queiróz trouxe para casa aquele famoso retrato do Fernando a beber vinho no Abel Pereira da Fonseca (tirado pelo Manuel Martins da Hora). Trazia uma dedicatória: «Carlos: isto sou eu no Abel, isto é, próximo já do Paraíso Terrestre, aliás perdido. Fernando. Dia 2/9/29». Achei muita graça, como é natural, e disse ao meu sobrinho que gostava de ter um para mim. O Carlos disse-lhe, e passado pouco tempo ele enviou-me uma fotografia igual com esta dedicatória: «Fernando Pessoa em flagrante delicto».

Escrevi-lhe a agradecer e ele respondeu-me. Recomeçámos então o «namoro». Isto em 1929. Eu já não trabalhava nessa altura e continuava a viver em casa de minha irmã no Rossio.

O Fernando estava diferente. Não só fisicamente, pois tinha engordado bastante, mas, e principalmente, na sua maneira de ser. Sempre nervoso, vivia obcecado com a sua obra. Muitas vezes me dizia que tinha medo de não me fazer feliz, devido ao tempo que tinha de dedicar a essa obra. Disse-me um dia: «Durmo pouco e com um papel e uma caneta à cabeceira. Acordo durante a noite e escrevo, tenho que escrever, e é uma maçada porque depois o Bebé não pode dormir descansado». Ao mesmo tempo, receava não poder dar-me o mesmo nível de vida a que eu estava habituada. Ele não queria trabalhar todos os dias, porque queria dias só para si, para a sua vida, que era a sua obra. Vivía com o essencial. Todo o resto lhe era indiferente. Não era ambicioso nem vaidoso. Era simples e leal.

Dizia-me: «Nunca digas a ninguém que sou poeta. Quando muito, faço versos».

Só nesta altura, então, o Fernando começou a ir a minha casa, mas como amigo do meu sobrinho com quem se dava muito bem. Entrava, cumprimentava timidamente quem estava e ficávamos na sala a conversar os três. Falávamos de poesia, de livros, e de amigos, como Sá-Carneiro e António Botto. Embora a ternura por mim fosse a mesma, eu sentia que o Fernando estava diferente. De resto, já não respondi às suas últimas cartas porque achei que já não eram para responder. Não valia a pena. Sentia que já não tinham resposta.

Sei que qualquer outra pessoa não seria talvez capaz de «namorar» o Fernando. Mas eu compreendia-o muito bem. Compreendia-o e achava-lhe graça. Não sentia o que pudesse parecer ridículo nas suas excentricidades.

Escrevemo-nos e vimo-nos até Janeiro de 1930. Nesta altura, o Fernando dizia-me constantemente que estava doido. Basta ler duas das suas últimas cartas, datadas até do mesmo dia, para se compreender o estado de espírito em que ele vivia. Penso que ainda gostava de mim.

Mesmo durante esses nove anos em que praticamente nunca nos vimos, creio que não deixou de pensar em mim. Disse-me um dia: «Há coisas fantásticas. Eu tinha muitas saudades tuas. Queria ver-te. Como sabes, eu ia sempre pela Rua Augusta e naquele dia resolvi ir pela Rua do Ouro na esperança de te encontrar. Por acaso não te vi a ti, mas vi a tua irmã. Falei com ela, perguntei por ti, mandei-te saudades, e isso trouxe-me um certo consolo».

Já depois de nos termos deixado completamente de ver e escrever, ainda mandávamos os parabéns um ao outro por telegrama. O último que recebi data de Junho de 1935, ano em que ele morreu.

Um dia, bateram à porta e a criada veio entregar-me um livro. Ao abrir vi ser a Mensagem com uma dedicatória do próprio Fernando. Quando perguntei quem o tinha trazido, percebi, pela descrição da rapariga, que tinha sido ele-próprio. Ainda corri para a porta mas, com grande pena minha, já não o vi.

Pouco antes de ele morrer, o meu sobrinho Carlos encontrou-o no Martinho da Arcada e ele perguntou-lhe: «Como está a Ofélia?» Apertou-lhe as mãos com muita força e com os olhos marejados de lágrimas disse-lhe: «Bela alma! Bela alma!» (1).

(1) -- Cfr. CARLOS QUEIROZ, *Homenagem a Fernando Pessoa*, Ed. Presença, 1936.